

# As dinâmicas das facções e a relevância do Ceará para o narcotráfico internacional

Teoria e Cultura | Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais - UFJF | ISSN: 2318-101x | v. 21, n. 1, 2026 | p. 22-44  
DOI: 10.34019/2318-101X.2026.v21.50048

*The Dynamics of Criminal Factions and the Relevance of Ceará for International Drug Trafficking*

*Las dinámicas de las facciones criminales y la relevancia de Ceará para el narcotráfico internacional*

Artur Pires<sup>1</sup>

## Resumo

Este trabalho busca analisar as dinâmicas das facções no Ceará na última década (2015-2025), bem como demonstrar por que o Estado é atualmente um local estratégico para o tráfico transnacional de drogas. A metodologia baseia-se em uma etnografia multissituada nas periferias cearenses, com observação direta e participante em bares, botequins, campos de futebol, feiras, praças, casas de show, logradouros, etc.; anotações no diário de campo; conversas espontâneas; e entrevistas sistematizadas. Há também na parte metodológica um diálogo teórico com obras afins e uma sistematização da criminalidade periférica a partir de matérias jornalísticas. O artigo aborda inicialmente como era o agenciamento das facções no Ceará antes de 2015. Em um segundo momento, a “paz” é analisada, época na qual as facções entraram em armistício. Depois, o trabalho faz uma contextualização histórico-sociológica da “guerra” entre as facções no Ceará e salienta transformações socioculturais ocorridas. Por fim, a pesquisa aborda aspectos sociológicos e eventos factuais que demonstram que o Ceará é um território de grande relevância para as facções no tocante ao narcotráfico internacional.

**Palavras-chave:** Facções no Ceará. Conflitos sociais. Narcotráfico internacional.

---

<sup>1</sup> Doutor em Sociologia (UFC). Professor do curso de Ciências Sociais na Universidade Estadual do Ceará (UECE), pesquisador do Laboratório de Estudos da Violência da Universidade Federal do Ceará (LEV/UFC) e do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia Violência, Poder e Segurança Pública (InViPS/CNPq). Realiza pesquisas etnográficas nas áreas de sociologia da violência e do conflito, antropologia do crime e afins, tendo como objetos de análise a violência armada, os conflitos sociais, os mercados ilícitos e, principalmente, a interdependência criminal entre as facções, o Estado e o sistema econômico-financeiro. É também fundador e editor da Berro, revista literária e jornalística sobre sociedade, política e cultura.

## Abstract

*This work seeks to analyze the dynamics of factions in Ceará over the last decade (2015-2025), as well as to demonstrate why the state is currently a strategic location for transnational drug trafficking. The methodology is based on a multi-sited ethnography in the peripheries of Ceará, with direct and participant observation in bars, taverns, soccer fields, markets, squares, night clubs, public spaces, etc.; notes in a field diary; spontaneous conversations; and systematized interviews. The methodological approach also includes a theoretical dialogue with related works and a systematization of peripheral crime based on journalistic reports. The article initially addresses how criminal factions operated in Ceará before 2015. Secondly, the period of “peace” is analyzed, a time when the factions entered into an armistice. Then, the work provides a historical-sociological context for the “war” between the factions in Ceará and highlights socio-cultural transformations that occurred. Finally, the research addresses sociological aspects and factual events that demonstrate that Ceará is a territory of great relevance to criminal factions in relation to international drug trafficking.*

**Keywords:** *Factions in Ceará. Social conflicts. International drug trafficking.*

## Resumen

*Este trabajo tiene como objetivo analizar las dinámicas de las facciones criminales en el estado de Ceará durante la última década (2015–2025), así como demostrar por qué el estado se ha convertido en un lugar estratégico para el tráfico transnacional de drogas. La metodología se basa en una etnografía multisituada realizada en las periferias cearenses, con observación directa y participante en bares, cantinas, campos de fútbol, ferias, plazas, casas de espectáculos y otros espacios públicos; registros en el diario de campo; conversaciones espontáneas; y entrevistas sistematizadas. La parte metodológica también incluye un diálogo teórico con obras afines y una sistematización de la criminalidad periférica a partir de noticias periodísticas. El artículo aborda inicialmente cómo se organizaba la actuación de las facciones en Ceará antes de 2015. En un segundo momento, se analiza el período conocido como la “paz”, cuando las facciones entraron en un armisticio. Posteriormente, el trabajo presenta una contextualización histórico-sociológica de la “guerra” entre las facciones en Ceará y destaca las transformaciones socioculturales ocurridas. Finalmente, la investigación aborda aspectos sociológicos y acontecimientos factuales que demuestran que Ceará es un territorio de gran relevancia para las facciones criminales en lo que respecta al narcotráfico internacional.*

**Palabras clave:** *Facciones criminales en Ceará. Conflictos sociales. Narcotráfico internacional.*

## Costuras introdutórias

De início, é importante destacar que as subáreas da sociologia da violência e da antropologia do crime têm produzido muitos trabalhos de relevo nas últimas décadas que contam a história da formação e mergulham nas causas e consequências socioantropológicas que os grupos armados não estatais chamados de facções provocaram nas dinâmicas urbanas das ruas e das prisões – sobretudo a partir da perspectiva da região Sudeste, principalmente de Rio de Janeiro e São Paulo – desde as últimas décadas do século XX até o presente momento (Zaluar, 1994 [1985]; Misse, 2011 [2006]; Machado da Silva, 2004, 2008; Adorno, 1998, 2002; Barbosa, 1998, 2001, 2016; Dias, 2011; Biondi, 2010, 2018; Manso e Dias, 2018; Feltran, 2010a, 2018; Grillo, 2013, 2019; Hirata, 2010; Hirata e Grillo, 2017, 2019; Hirata, Grillo e Telles, 2023; Marques, 2008, 2010; entre outros).

A partir dos anos 2010, entretanto, os estados do Norte e do Nordeste do Brasil também começam a sentir de maneira mais profunda o exercício do poder territorial armado destes grupos em suas cidades. Este é um quadro social que no momento parece estar em plena expansão, atualmente as facções avançam muito além tão-somente das capitais nortistas e nordestinas, e já chegam a médias e pequenas cidades do interior destes estados, num processo que denomino *interiorização faccional* (Pires, 2025). Nesta seara, há também diversas pesquisas que surgiram nesta última década e meia que analisam este fenômeno de capilarização do modelo faccional para além do Rio de Janeiro e de São Paulo rumo ao Norte e ao Nordeste brasileiros (Barreira, 2015; Lourenço e Almeida, 2013; Candotti, Melo e Siqueira, 2017; Siqueira e Paiva, 2019; Siqueira, Nascimento e Moraes, 2022; Melo e Paiva, 2021; Melo e Amarante, 2019; Rodrigues, 2020; Paiva, 2019a, 2022; Paiva, Moraes e Pinheiro, 2024; Daudelin e Ratton, 2017; Sá e Aquino, 2018; Pires, 2018, 2023, 2025; Matos Júnior, Santiago Neto e Pires, 2022; Matos Júnior e Santiago Neto, 2022; Briceño-León, Barreira e Aquino, 2022; Paiva e Pires, 2023; entre outros).

Todavia, a ideia deste texto é trazer contribuições empíricas originais para acrescentar ao debate. Desse modo, ressalto que o presente trabalho vai se utilizar de muitos dados coletados ao longo dos últimos dez anos nas periferias de Fortaleza, conversando com pessoas em bares, botequins, campos de futebol, mercearias, bodegas, banquinhas de alimentação, etc., realizando entrevistas e sempre fazendo observação direta e anotações em diário de campo. Pude realizar vinte e cinco entrevistas semiestruturadas com praticantes de crimes como assaltos, roubos, tráfico de drogas e de armas, homicídios, etc., que me possibilitaram mais de cinquenta horas de gravação. Os interlocutores tinham, de maneira geral, entre vinte e quarenta anos. Realizei também entrevistas semiestruturadas com “trabalhadores”, estas em bem menor número, quatro no total. Também estabeleci muitas conversas espontâneas – que funcionavam como entrevistas assistemáticas – nas centenas de dias em campo. Meu campo de trabalho etnográfico são as periferias de Fortaleza, principalmente territórios (favelas, conjunto habitacionais, bairros populares) situados na zona sul da cidade. Por questões deontológicas, todos os nomes dos interlocutores retratados neste trabalho são fictícios, para preservar suas identidades (Fonseca, 2010). As falas dos interlocutores serão respeitadas em sua inteira oralidade, portanto, erros gramaticais, sintáticos e semânticos serão preservados para aproximar o(a) leitor(a) da realidade retratada. Algumas explicações que se fizerem necessárias serão colocadas entre colchetes. A metodologia desta pesquisa também se vale de análise de notícias veiculadas em canais midiáticos.

Dito isto, minha principal hipótese para a expansão das facções sudestinas para o Norte e o Nordeste, a partir da década de 2010, é que este processo tem relação direta com a repressão ostensiva que eles passaram a sofrer após o Brasil ser escolhido, em 2007, sede

da Copa do Mundo de 2014, e também ser eleito, em 2009, sede das Olimpíadas de 2016, no Rio de Janeiro. Estes dois grandes eventos mundiais impactaram os governantes no sentido de tentar retomar o controle sobre a “violência urbana” no país, e isto ampliou as formas de repressão. Em 2010, a cena, que foi transmitida ao vivo pela maior rede de televisão do país, da fuga em massa de “bandidos” da Vila Cruzeiro, na zona norte da cidade do Rio, em direção ao complexo do Alemão, após uma ocupação da polícia e das Forças Armadas naquela comunidade, foi um marco desse momento. Em conversa com Camaleão, traficante varejista de drogas em um conjunto de favelas da zona sul de Fortaleza, ele endossa essa perspectiva: “Depois daquela guerra [no Rio], muitos vieram pro Norte, pra cá”.

Neste sentido, pensando especificamente no Ceará, esse arranjo faccional, com estes grupos armados não estatais ocupando ostensivamente as periferias, é um fenômeno bastante recente. Foi apenas a partir de 2015 que o termo “facção” passou a ser explorado de forma recorrente pelos veículos jornalísticos cearenses e ao mesmo tempo foi incorporado pelas populações periféricas para dar conta dos grupos que passaram a fazer parte do seu cotidiano. O termo igualmente entrou no léxico das classes média e alta das cidades cearenses, na maioria das vezes sendo usado como taxionomia para explicar a criminalidade urbana, e simultaneamente como categoria acusatória voltada contra os territórios pauperizados. No entanto, é importante destacar que não foi somente em 2015 que as principais facções de São Paulo e do Rio de Janeiro desembarcaram em terras cearenses.

O Comando Vermelho (CV) chegou pela primeira vez ao Ceará em meados da década de 1980 e dois eventos indicaram sua presença no Estado: um assalto a uma joalheria em uma área nobre de Fortaleza, em 1986, e o sequestro seguido de homicídio de um corretor de imóveis por um membro do grupo, em 1987 (Feitosa, 2018). Mas é a partir dos anos 1990 que a presença destes grupos armados não estatais tornou-se, de fato, mais recorrente. Em 1996, Ernaldo Pinto de Medeiros, o “Uê”, então líder da facção fluminense Amigos dos Amigos (ADA), a principal rival do CV no Rio de Janeiro, foi preso em um hotel na Beira-Mar de Fortaleza, no bairro Meireles, metro quadrado mais caro da capital cearense (Mota, 1996). Naquele momento, Uê comandava os tráficos de armas e drogas no Parque Alegria, Morro do Livramento e Morro do Adeus, entre outros territórios cariocas. Percebe-se, portanto, que do Rio de Janeiro não era apenas o CV que agia no Ceará já nos anos 1990, mas também a principal oponente deste grupo, a ADA. Uê era, naquele momento, o principal “inimigo” de Luiz Fernando da Costa, o “Fernandinho Beira-Mar”, famoso e midiático líder do Comando Vermelho.

Entre meados e o final dos anos 1990, as facções cariocas começaram a ver o Nordeste como uma região bastante estratégica para o fluxo de escoamento da cocaína que vinha dos países produtores: Bolívia, Peru e Colômbia. De acordo com um relatório daquela época elaborado pela Secretaria de Defesa Social de Pernambuco, Fernandinho Beira-Mar possuía no final do decênio de 1990 quinze imóveis somente na Paraíba. O delegado da Polícia Civil do Ceará, Francisco Crisóstomo – que capitaneou as investigações concernentes ao “crime organizado” no Ceará desde a década de 1980 –, afirmou que Beira-Mar esteve diversas vezes no Ceará nos anos 1990 para articular a logística de uma rota de cocaína vinda da Colômbia e que usaria a infraestrutura de portos e aeroportos do Estado para operar o tráfico internacional. Em Fortaleza, o líder do CV alugou um apartamento no bairro Jardim das Oliveiras, na zona sul da cidade, uma região longe dos holofotes das áreas de elite da capital, como Aldeota ou Meireles. Crisóstomo sublinha que após alugar o apartamento ele “passou uma temporada organizando as rotas. Foi ‘Beira-Mar’ quem conseguiu montar esse esquema que leva droga da Colômbia para o Paraguai, do Paraguai para o Sudeste do Brasil e do Sudeste para o Nordeste. Daqui enviam para a Europa” (Feitosa, 2018, n.p.).

O Primeiro Comando da Capital (PCC) chegou ao Ceará igualmente nos anos 1990. É comum afirmarem que neste início a facção paulista não estava envolvida com o tráfico de drogas no Estado, mas uma vez que é justamente no final dessa década que a “pedra” se espalha pelas periferias de Fortaleza, tenho como hipótese que os primeiros fornecedores de crack nas favelas da capital cearense eram membros do PCC, posto que os “laboratórios” clandestinos dessa droga eram raríssimos naquele momento no Estado. No entanto, o grupo de São Paulo estava interessado principalmente em assaltos a empresas transportadoras de dinheiro. Duas ações deste tipo demarcam a entrada, de fato, do PCC no Ceará: os assaltos à Corpv's, em 1999, e à Nordeste Segurança de Valores (NSV), em 2000. A pesquisa etnográfica da antropóloga Jânia Aquino (2009), realizada com alguns dos “ladroes” envolvidos em um dos assaltos, é salutar para falar deste contexto. Segundo o delegado Crisóstomo, “os bandidos que vieram para esses assaltos eram muito perigosos. Linha de frente de ações de grande porte. O estrago que fizeram no Ceará foi grande, porque foi *a prisão deles que trouxe o PCC para cá de forma definitiva*” (Feitosa, 2018, n.p., grifos meus). Maurício Alves Ribeiro, o “China”, foi o principal integrante do PCC preso no assalto à Nordeste Segurança de Valores (NSV). China foi um dos primeiros a iniciar os “batismos” de detentos cearenses ao PCC no Instituto Penal Paulo Sarasate (IPPS) em Aquiraz, região metropolitana de Fortaleza. Estes batismos foram exponencialmente aumentados após muitos membros da facção paulista terem sido custodiados em penitenciárias cearenses devido ao assalto ao Banco Central de Fortaleza, em 2005.

## A “paz” (fugaz) nas periferias cearenses

A dinâmica faccional trouxe diversas mudanças às maneiras de fazer o crime no Ceará, das quais falarei mais adiante. Neste momento, quero tratar de um recorte temporal específico, o pouco mais de um ano entre o segundo semestre de 2015 e outubro de 2016, quando a “paz” estabeleceu-se nas periferias cearenses, a partir de um armistício articulado entre as facções. No início do segundo semestre de 2015 um amigo do bairro me ligou para me contar sobre a “grande novidade das áreas dos últimos tempos”. Nos meses seguintes àquela ligação, começamos a acompanhar com atenção os desdobramentos daqueles “acordos”. Para nossa incredulidade, quadrilhas criminais de territórios rivais por décadas não se atacavam mais. O fato é que já no segundo semestre de 2015, as periferias de Fortaleza começam a passar por um reordenamento da dinâmica e da estrutura no seu comércio de drogas e armas e também na interação social entre as categorias “trabalhadores” e “bandidos”<sup>2</sup>. As falanges criminais Primeiro Comando da Capital (PCC), Comando Vermelho (CV), Família do Norte (FDN), do Amazonas – hoje extinta – e um pouco depois, Guardiões do Estado (GDE), facção local, iniciam um processo de domínio territorial das favelas de Fortaleza, e poucos meses depois expandem-se, inicialmente, para as maiores cidades do interior, e num segundo momento, também para os médios e pequenos centros urbanos<sup>3</sup>.

<sup>2</sup> O trabalho de Alba Zaluar (1994 [1985]) é um dos primeiros na ciência social no Brasil a trabalhar esta relação entre as categorias “trabalhadores” e “bandidos” nas periferias. Naquele momento, nos anos 1980, ainda havia uma distinção bem acentuada entre ambas, mas essas fronteiras vão tornando-se cada vez mais borradas com a emergência do “mundo do crime” como instância de representatividade nas periferias a partir de meados dos anos 1990 (Feltran, 2010b).

<sup>3</sup> O PCC em nenhum momento ocupou muitas periferias em Fortaleza, preferindo manter-se como aliado, ora da GDE, ora da Massa/TDN (grupo criado em 2021). No entanto, a facção paulista mantém territórios estratégicos nas fronteiras estaduais cearenses. O CV, por sua vez, além de ter forte presença no interior, dominou a maior parte dos territórios na capital, sendo atualmente o principal grupo nos territórios periféricos cearenses. A GDE, facção cearense fundada em 2015 chegou a rivalizar com o CV em número de territórios e quantidade de membros, mas em setembro de 2025 perdeu seus

Camaleão comenta sobre os primeiros contatos com os “caras de fora”: “Chegaram aqui de fuzil mah, ninguém tinha fuzil aqui não. Eles primeiro chegaram nos patrão [líderes criminais] dos bairros”. Os “acordos” foram costurados sobretudo devido ao capital simbólico (Bourdieu, 1989) e os recursos materiais que os grupos “forasteiros” tinham a oferecer às quadrilhas criminais cearenses, ou seja, o *status* em pertencer ao PCC ou ao CV, bem como o fornecimento massivo de drogas e armas potentes, como fuzis e metralhadoras.

Prensado, traficante varejista, conta sua versão sobre a vinda de “caras de fora”:

Os homi chegaram num tremendo carrão de luxo, tudo armado, disseram que se quebrasse o acordo a família toda morria. Depois, alugaram uma casa de praia num sítio aí pra fazer a união. Depois que chegaram aqui, as mortes pararam. Ei parceiro, todo final de semana tinha morte aqui, todo final de semana morria ao menos um. O chefe mandou fazer as paz com o pessoal do Tancredo, do Tasso, do Polo e da Vila [ele se refere a territórios de um complexo de favelas da zona sul de Fortaleza que viviam em conflito no período “pré-faccional”].

Com a nova configuração, as pessoas periféricas reestabeleceram hábitos de colocar as cadeiras na rua, conversar despretensiosamente nas calçadas, cruzar as fronteiras físicas e simbólicas de uma comunidade para outra. Todas as falas retratadas nos próximos parágrafos, em entrevistas feitas com “trabalhadores(as)”, foram colhidas durante o período de “paz”, que durou entre o segundo semestre de 2015 e outubro de 2016.

“Antes, tinha vez que eu nem ia pra minha mãe [que mora em um território vizinho]. As pessoas tinham que comprar as coisas cedo, porque os comerciantes fechavam as portas. Aí, eles lá se reuniram e fizeram a paz. Pro jeito que era melhorou 100%”, afirma Luiza, 37 anos, diarista. A agente comunitária de saúde, Rosalina, 31 anos, diz que “antes desse acordo da paz quase todo dia morria gente, sinceramente. Muitos se mandaram com medo de morrer. “Cada qual teve sua vida. Aqui num tem roubo na rua, nem roubo de casa. Não existe esse grande respeito, mas tem um pouco, né? O povo do Tranquedo fizeram as paz com o povo do Tasso e da Vila, esse negócio de gangue acabou-se”, sublinha Carmelita, 35 anos, doméstica. Pergunto a dona Nandinha, 80 anos, se as mortes arrefeceram com a “paz”: “Diminuiu, depois disso num vi morrer nenhum”. Helen, 48 anos, garçonne de um restaurante na periferia, constrói sua narrativa: “Quando cheguei aqui era muita violência, muita morte, muita briga, muita bala. Eu vi morrer um menino bem pertim de mim. O cara chegou, pegou pelos cabelo e atirou. Mas tá bom agora, o Tasso fez as pazes com o Tranquedo, que fez as pazes com o Corral [ela se refere a territórios periféricos da zona sul de Fortaleza]”.

Maria Albina, 48 anos, também comenta sobre esse momento: “Era muito violento aqui, mas agora melhorou 100%, porque diminuiu mais a violência, porque antigamente as pessoas num podia nem sentar na calçada... [E o que aconteceu para mudar?] Esse negócio de grupo de traficante, né, fizeram a paz”. Samila, 53 anos, igualmente confessa que a socialidade “[melhorou] demais. Eu num podia nem tá sentada aqui [na calçada], num podia nem passar pro outro lado”. Célia, 60 anos, se junta ao debate. Pergunto-lhe se ela considera o seu território uma região violenta:

Já foi mais violenta, mas deu uma paradinha. Ela já foi bem violenta mesmo.  
[Como foi isso?]

---

dois principais territórios em Fortaleza para o CV e foi incorporada pelo Terceiro Comando Puro (TCP), que enfim conseguiu estabelecer-se em Fortaleza. A FDN chegou a ter muito prestígio nos primeiros anos de processo faccional no Ceará, mas após um conflito com o CV foi completamente dizimada pela facção carioca, inclusive no Amazonas, seu lugar de origem.

Não sei, o pessoal diz que tem umas facções... Eu num entendo muito bem disso, né? De que são as pessoas que vivem nos presídios quem manda, aí eu não sei, né? Porque eu saio de manhã de casa e só chego de noite. Os dois filhos que eu tive, criei dentro do Tancredo Neves, e graças a Deus deu certo! Eu digo que deu uma parada porque graças a Deus nunca aconteceu nada com minha família, nem com as pessoas que eu conheço. E a gente que vive aqui percebe que deu uma parada, sempre tinha gente morrendo quase todo dia, quase todo dia! Mas graças a Deus melhorou!

Dentro do mesmo processo de imersão e controle das periferias cearenses, estes grupos decretaram normas rígidas de conduta. “Não pode roubar aqui, foi a melhor coisa que fizeram. Se for pra roubar, tem que roubar de quem tem, e não de quem não tem”, relata Camaleão. Dona Nandinha relata que “tava morrendo muita gente, meu filho. Aí veio um tal de Comando Vermelho, se por acaso matarem alguém aqui, eles botam pra fora de casa e ainda matam. Se roubar aqui, eles quebram mão, quebram pé, quebram tudo”. Assim, surgiram em todas as “quebradas” da cidade pichações com frases como “proibido roubar na favela”, “tire o capacete, abaixe o vidro”, “se roubar na favela, morre”, entre outras.

Pergunto a Samila quem estava ditando estas novas “regras”:

Rapaz, eu sei lá, é tanto do comando, que eu não gosto nem de falar. CV, Comando Vermelho, PCC... A paz num é por causa disso? Graças a Deus que tá essa paz.

[Então a senhora acha que essa paz veio pra melhorar a vida das pessoas aqui?]

Veio por um lado e por outro é ruim.

[Qual é o lado ruim?]

Assim, veio pros cidadão, né, porque era cada tiroteio que tinha, morria um cidadão inocente, uma muié, uma criança. Na esquina mesmo já morreu uns cinco aí. Muita gente de bala perdida que tinha nada a ver.

[Mas então qual o lado ruim dessa paz?]

É que [em caso de roubo no território] os traficante num tão alisando não, tão dando tiro nas perna, nos braço.

A preocupação de Samila é que, embora a “paz” tenha, de forma prática, restabelecido o ir e vir dos “cidadão”, por outro lado as punições extralegais àqueles que infringem as normas das facções tornaram-se mais severas. A temeridade de Samila é que seu filho Bernardo, adicto em crack, possa vir a sofrer uma dessas represálias. José Antônio, 28 anos, também *nóia*, confessa que está mais “ligado no movimento, [pois] qualquer desandamento a galera mete a peia, mata”. Marleide, 30 anos, também adicta na “pedra”, e que trabalha em um prostíbulo, relembra um dia em que sofreu as consequências de um “vacilo”: “Eu agora não tenho o costume de fazer mais [roubar na BR-116], eu fui na doidice. Aí veio os cara lá porque é errado, num pode mais fazer isso. Aí eu apanhei nesse dia, só levando cabada de vassoura”.

Poeta, traficante varejista que trabalha para Raposão, me conta de um episódio em que ele e outros de sua quadrilha foram executar um indivíduo que foi “sentenciado” porque estava roubando no território: “Outro dia nós fomo matar um noia ali, aí eu comecei a atirar e ela [a arma] num voltou pra trás, não? Que eu num sei atirar direito. Aí nós saímos porque a população começou a chegar, entoquemo as arma e viemo pro campo e ficamo jogando bola”.

Sânzio, traficante varejista, destaca sua versão, mas sublinha um pretensão *humanitarismo* de sua quadrilha. Pergunto-lhe o que ocorre se alguém for capturado roubando no território: “Rapaz, se roubar a galera mete a peia, né. Aqui dentro das área mete a peia,

porque a galera tem mais coração. Tem outras área que é tiro. Cara, a galera bota só isso aí, roubo, né, num pode mexer com o cidadão, né”.

Raposão é bem mais enfático:

Área pacificada não pode ter roubo besta pra prejudicar a população, a gente quer proteger a população. Aí os cara fica roubando bolsa, isso, aquilo. Às vezes você tá roubando uma prima de alguém, a mãezinha de alguém que talvez nem pagou todas as prestações daquele aparelho.

Portanto, em quase todo o ano de 2016, após os acordos de “paz” entre as facções no Ceará, houve uma redução exponencial no número de mortes violentas. O Governo do Estado tergiversava e sublinhava que seu programa de “combate ao crime” era o grande responsável pela diminuição nos índices de homicídio no Estado<sup>4</sup>. Entretanto, o trabalho de campo apontava para o que “todo mundo” já sabia: a matança indiscriminada arrefeceu a partir de ordens hierárquicas dos “patrões do crime”. Antes da reorganização pactual entre as falanges, diz Camaleão, “morreu muita gente inocente. Mas agora, *o que o governo não conseguiu fazer em tantos anos, os malandros vieram e fizeram em um ano*. Tá vendo? Como num precisa de polícia nem de governo”.

No entanto, a “paz” não permaneceria por muito tempo. Como já dito, aproximadamente um ano e alguns meses após as pactuações de armistício, os “acordos” foram quebrados, ainda no final de 2016. Muitos dos meus interlocutores que não praticavam atividades criminais já se mostravam ressabiados com a nova configuração. Flutuava no ar uma desconfiança quanto aos ajustes entre as facções. Helen, garçonne de um restaurante, me disse: “Tão em paz, mas a qualquer momento pode voltar [as mortes], né?”. César, agente comunitário de saúde, me contava que “desde o tempo que fizeram esse acordo aí ficou mais tranquilo, mas assim... você num deve confiar porque envolve droga”. Renato, que trabalhava com pequenos roubos a transeuntes, também dizia que com a “paz” estava melhor, mas já prenunciava: “Se acabar essa paz vai ser destruição. Deus me livre quebrar essa paz”. Seus vaticínios estavam certos. A “paz” acabou. Fugaz como uma paisagem onírica que não conseguimos captar. De volta à realidade sangrenta.

## A “guerra” como signo de sociabilidade

No Ceará, em outubro de 2016, dois áudios vazados em um aplicativo de mensagens indicavam que a “guerra” havia recommçado:

Galera, começou, viu? Quem tinha medo de rodar aí, agora o medo tem que triplicar, porque começou a matança, viu menino! PCC e Comando Vermelho. Já teve um tiroteio aqui na Serrinha [bairro da zona central de Fortaleza] entre as duas facções, viu? Já balearam bem seis [pessoas]. Cuidado na vida, galera, quem vier pra Serrinha [áudio atribuído a um morador não envolvido com atividades criminais].

Ói, meus irmão do grupo, meus irmão do grupo, atenção aí na Sapiroanga [bairro da zona sudeste de Fortaleza], atenção na Sapiroanga. Quem puder descer com arma aí pra Sapiroanga pra poder dar um apoio lá, tá rolando mó troca de bala lá, tão entendendo meus irmão? Os pilantra lá do CV e da FDN tão tudo de cima lá, tão entendendo meus irmão? Dá uma reforçada na Sapiroanga lá, meus irmão. Quem tiver, é pra descer arma lá. Eles tão de ‘bico’ [fuzil] lá, tá faltando só ‘bico’

<sup>4</sup> Os trabalhos de Letícia Lins (2020) e Paiva e Pires (2023) problematizam as formas de enfrentamento às facções e o discurso público estatal naquele momento.

pra nós aí. Pode mandar descer aí pra Sapiranga, de trás do [shopping] Via Sul, tá entendendo meus irmão? [áudio atribuído a um membro do PCC].

A “guerra”, no lugar da “paz”, rapidamente reinstalou-se como signo de sociabilidade na vida das periferias. A dinâmica social novamente transfigurou-se e os moradores não envolvidos com as práticas criminais experimentaram ainda com mais intensidade os “ecos da violência” (Freitas, 2003). Famílias passaram a ser expulsas de suas casas por qualquer ligação de parentesco ou amizade com membros de facções rivais, numa espécie de “contaminação simbólica de um para o outro” (Sá, 2010, p. 105), um *devir envolvido*<sup>5</sup>. Estes confiscos de bens imóveis ocorreram em diversos territórios de Fortaleza e de cidades do interior.

Com o fim da “paz”, o PCC se alia à GDE para contrabalançar a aliança entre CV e FDN. Os conflitos entre as facções se espalharam por todo o Ceará em 2017. Duplos e triplos homicídios passaram a ser recorrentes. Chacinas pipocaram. Os doze meses de 2017 foram os mais violentos em relação a crimes de homicídio na história do Estado. O ano encerrou com 5.134 eventos desse tipo, uma média de 14 assassinatos por dia. Quando comparado com 2016, o ano da “paz”, o Estado teve um incremento de mais de 50% no número de crimes letais intencionais. Em Fortaleza, o salto foi ainda mais drástico, um aumento de 96,6% (SSPDS, 2025).

Se em 2016, quando a imprensa e pesquisadores(as) diziam que o arrefecimento nos índices de letalidade tinha relação com os “acordos de paz”, o Estado refutava, inclusive negando a existência desses grupos no Ceará, e alegava que a diminuição decorria do “sucesso” do seu programa “Ceará Pacífico”; em 2017, as suas “autoridades” não credenciaram o aumento exponencial nos índices de homicídios às fragilidades de suas políticas públicas, mas a “disputas pelo tráfico”. Em 2018, o ano termina com mais de 4.500 homicídios, tornando-se o segundo mais violento de todos os tempos. Os anos seguintes seguem muito violentos, com flutuações estatísticas que obedecem à dinâmica de períodos de “cessar fogo” e “guerra” entre as facções<sup>6</sup>. A cadeia crônica, circular e cumulativa de revanchismo que ocorria na época das gangues e quadrilhas locais voltou, mas dessa vez com uma nova envergadura: a potência de armas como fuzis e metralhadoras, que não eram comuns no Ceará até então.

Sobre este momento de reconfiguração criminal, Matos Júnior, Santiago Neto e Pires (2022) destacam as mudanças no Ceará em relação ao tráfico de drogas. Embora os autores concentrem suas análises no tráfico varejista nas periferias cearenses, as transformações observadas abrem janelas heurísticas para que se entenda que o tráfico varejista e o tráfico atacadista mantêm uma relação interdependente. Se as favelas cearenses agora recebiam cada vez mais drogas “diferenciadas”, isso indica que novas fronteiras foram abertas, ou seja, novos fornecedores surgiram para aquecer e diversificar o mercado interno de drogas. Esta informação casa com a constatação da Polícia Federal de que chegam ao Ceará cada vez mais cocaína e maconha vindas dos países andinos por uma rota que se inicia nos rios da região amazônica e atravessa estradas no Norte e Nordeste brasileiros. Segundo a PF, parte significativa dessa droga é exportada pelos portos cearenses e outra parte é assimilada pelo mercado interno (Melo, 2022).

Assim, mostra-se evidente que o ano fugaz de “paz” nas favelas seguido de anos de “guerra” entre as facções nas periferias do Ceará – pelo tráfico local varejista – têm direta relação, não necessariamente interpessoal, mas interprocessual e interestrutural, com a

<sup>5</sup> Sobre o conceito de contaminação simbólica, Leonardo Sá explica que “andar, conversar, conviver, se aproximar e frequentar a casa de um envolvido é um modo de se tornar envolvido também. É devir envolvido” (2010, p. 105).

<sup>6</sup> Para conferir os dados completos, ver SSPDS (2025).

disputa destes grupos pelo domínio e articulação com agentes nos portos e aeroportos cearenses – para operar o tráfico internacional atacadista. Daniel Hirata e Carolina Grillo (2017) ressaltam que há uma “geometria de escalas variáveis” que enreda varejistas e atacadistas na conformação dos mercados ilícitos de drogas.

## **“Traficante é aquele que nem pega na droga”: As redes internacionais do tráfico de drogas**

O tráfico varejista nas favelas brasileiras não existiria sem a sua negociação no atacado. As toneladas de pasta-base compradas nos países produtores pelos “barões” das drogas chegam ao Brasil por meio de rotas fluviais, rodovias terrestres e pistas clandestinas para aviões. Os “barões” do narcotráfico são indivíduos altamente conectados com os meios estatal e econômico-financeiro, amiúde grandes empresários e políticos poderosos. A partir de pesquisa realizada na tríplice fronteira amazônica entre Brasil, Colômbia e Peru, Paiva (2019b) salienta que os *donos da droga* “são homens que ocupam posições socialmente referenciadas fora do mundo do crime, atuando em mercados legais e até na esfera política. [...] São homens que atuam manejando grandes quantidades de drogas, em geral, com uso da força pertinente aos seus acertos de conta” (p. 10). “Estes personagens oligopolizam o acesso direto às fontes produtoras da matéria-prima em questão. São eles que financiam a produção – realizada por agricultores pobres – e, portanto, controlam a venda do que sai das plantações de coca para os laboratórios clandestinos que irão produzir a pasta-base” (Pires, 2025, p. 137).

As sociólogas Bárbara Duarte, Paula Alves e Ana Figueiredo (2024) pesquisaram as interconexões entre o tráfico de drogas transnacional e o agronegócio em Mato Grosso (MT) e Mato Grosso do Sul (MS). Segundo as pesquisadoras, as pistas de pouso clandestinas formam um esquema reticular de articulação na chamada “rota caipira” entre o agronegócio e o narcotráfico. Das 1.062 pistas de pouso em Mato Grosso, as autoras identificaram 432 não registradas pela Agência Nacional de Aviação Civil (ANAC). Em Mato Grosso do Sul, elas perceberam que das 13 pistas de pouso, 6 não são catalogadas pela ANAC, todas em Corumbá, cidade que compartilha fronteira com o município boliviano de Puerto Quijarro. Segundo Duarte *et al.* (2024), relatório técnico do Grupo Especial de Fronteira de Mato Grosso, de 2022, detalhou que as facções criminosas utilizam pistas de pouso clandestinas localizadas em propriedades rurais na região de fronteira, gastando em média entre R\$ 50 mil a R\$ 80 mil por deslocamento. Quando o voo vai para áreas mais distantes, o valor aumenta para números entre R\$ 150 mil e R\$ 200 mil.

A participação de alguns atores relacionados ao agronegócio estaria associada a seus outros investimentos como plantio de grãos, pecuária, extração de madeira e minérios, além de comerciantes de bens e serviços. O consórcio com organizações criminosas responsáveis pela venda e compra da droga seria mais uma fonte de seus negócios e um caminho para a lavagem de dinheiro. [...] Essas dinâmicas criminais se estruturam a partir das relações estabelecidas através do fornecimento da infraestrutura por vezes legal para ingresso e escoamento de diversos produtos, sejam eles lícitos ou ilícitos, além do *envolvimento de atores locais que se constituíram enquanto figuras importantes nestas dinâmicas, dadas suas articulações e poderio econômico, político e social.* [...] Uma hipótese é que a rede formada em torno desse comércio de drogas envolve facções criminosas junto a atores relacionados ao agronegócio, que fariam dessa atividade mais um setor de seus outros investimentos como plantio de grãos, pecuária, extração de madeira e minérios, além de comerciantes de bens e serviços. O consórcio com organizações criminosas, responsáveis pela venda e compra da droga, se constitui como mais uma fonte de negócios por meio da

capitalização de caminhões e aviões já empregados pelo agronegócio que passam a ser otimizados para o transporte de drogas, armas e agrotóxicos proibidos pela legislação brasileira pela prestação de serviços, bem como meio para a lavagem de dinheiro por meio de títulos de terra, gado e safras (Duarte *et al.*, 2024, pp. 200-201, grifos meus).

Os dados evidenciam que um setor do agronegócio está fortemente conectado com as redes transnacionais do narcotráfico, não como exceção, mas como sistema de interdependência. Há uma formação muito bem montada que: a) de um lado, fornece a estrutura logística para dar vazão a grandes quantidades de drogas através de pistas de pouso clandestinas, caminhões, carretas, bem como galpões para armazenar temporariamente toneladas de entorpecentes; b) por outro, faz as operações de branqueamento de capitais por meio de transações ilegais e falsas de venda de grãos e cabeças de gado.

A discussão sobre as redes internacionais do tráfico de drogas supracitada me faz lembrar de uma entrevista que realizei com Camaleão. Ao referenciá-lo como traficante, ele soltou a seguinte asserção: “Eu sou avião [pequeno comerciante de drogas]! Bote aí que sou avião [aponta para o diário de campo]. Sou traficante não. *Traficante é aquele que nem pega na droga*”. Ora, já sublinhei (Pires, 2025) que analisando o narcotráfico de cocaína voltado ao mercado interno, desde sua produção agrícola até o consumidor final nas periferias, movimenta-se uma elástica e capilarizada rede na qual participam atores sociais diversos nesta logística:

- i. os agricultores produtores
- ii. o “dono da droga”;
- iii. os grandes compradores (em centenas de quilos ou toneladas);
- iv. os agentes estatais que por ação ou deliberada omissão participam do processo;
- v. as “mulas”;
- vi. os transportadores (caminhoneiros, pilotos, navegadores);
- vii. os fornecedores;
- viii. os médios compradores (em unidades de quilos)
- ix. os pequenos compradores (em dezenas de gramas);
- x. até chegar ao consumidor final na favela (em unidades de grama ou até mesmo em frações de um grama, como num papelote de R\$ 10).

No entanto, sabe-se que parte considerável da cocaína vinda dos países produtores não tem como destino as favelas, mas é escoada pelos portos brasileiros em direção à Europa, aos Estados Unidos, à África e à Ásia, em cascos de navios, dentro de contêineres, em submarinos, enfim, são inúmeras as maneiras para ocultar os entorpecentes durante os trajetos oceânicos. Uma outra parte é também distribuída pelos aeroportos. Segundo Briceño-León e Camardiel (2015), para que todo este fluxo logístico aconteça, as organizações do narcotráfico se imiscuem nas instâncias formais do Estado, cooptando políticos, juízes e militares.

O narcotráfico atacadista é provavelmente a atividade comercial no mundo que gera os maiores lucros. Vejamos: o quilo da pasta-base de cocaína custa de 7 mil a 12 mil reais em Manaus; ao chegar no Nordeste, sobe para cerca de 20 mil reais; e na Europa pode custar, em valores convertidos, aproximadamente 380 mil reais (Paiva, 2019b). De acordo com reportagem de Cláudio Ribeiro (2023), documentos de 2020 do Escritório sobre Drogas e Crime da ONU (Unodc), da Europol e da Interpol atestaram que um quilo de cocaína custava 800 dólares nos países produtores; 6 mil dólares no mercado brasileiro; 12 mil dólares no México; e disparava a 69 mil dólares nos Estados Unidos; 70 mil dólares na China; e de 152 mil a 200 mil dólares na Austrália. Roberto Saviano (2014 [2013]) ressalta que um quilo da melhor cocaína sai por 1,5 mil dólares da Bolívia ou da Colômbia e atinge até 77 mil dólares

no Reino Unido. O autor afirma que Nova Iorque e Londres são as duas principais “lavanderias” do planeta, pois seus sistemas financeiros são utilizados para complexas operações de branqueamento de capitais por meio de negociação de ações, transações interbancárias, emissão de títulos eletrônicos e moedas digitais, empréstimos, etc.

Destarte, é uma evidência científica que a maior parte do capital gerado com o narcotráfico não está nas periferias, mas circula dentro do sistema financeiro legal. Interessamos, agora, compreender de que maneira o Ceará entrou, definitivamente, como ator global nesse comércio internacional de drogas.

## O Ceará como rota estratégica para o narcotráfico transnacional

Como tratei anteriormente, as facções CV e PCC não chegaram ao Ceará apenas em 2015. O estabelecimento desses grupos no Estado vem se desenvolvendo processualmente nas últimas duas décadas e meia, aproximadamente. Em 1993, em Fortaleza, policiais militares desmontaram um “reduto” do Comando Vermelho no Estado, no bairro Álvaro Weyne, na zona oeste da capital cearense. À época, a investigação iniciou-se devido à presença de pichações na cidade com as letras “CV”. O imóvel descoberto pelas forças policiais era utilizado por membros do CV para guardar documentos roubados, papéis usados para embalar drogas e vestimentas usadas em assaltos. (Cavalcante, 2019). Ainda em meados dos anos de 1990, Fernandinho Beira-Mar, líder icônico do CV, esteve no Ceará para organizar o ponto final de uma rota de cocaína vinda da Colômbia. Ele passou uma temporada na capital cearense, no bairro Jardim das Oliveiras, organizando as rotas que trariam as drogas da Colômbia, do Peru e da Bolívia, passando pelo Paraguai, deste país para o Sudeste brasileiro e, posteriormente, para o Nordeste; por fim, desta região para o mercado europeu. Neste esquema, Beira-Mar foi vanguardista. Se antes a cocaína que saía do Brasil para a Europa (e uma menor parte para a África) tinha os aeroportos e portos sudestinos como único canal de escoamento, principalmente o porto de Santos, é o líder do Comando Vermelho quem primeiro aventa a possibilidade de utilizar os portos e aeroportos nordestinos para transacionar essas mercadorias. Nesse contexto, os portos cearenses e o aeroporto internacional de Fortaleza se salientaram pela boa infraestrutura em comparação com outros equipamentos no Nordeste e, principalmente, pelo fator logístico e operacional, uma vez que, devido à sua proximidade geográfica com a Europa e os Estados Unidos, os custos logísticos são menores.

Entre o final dos anos 1990 e o início deste século, o PCC também chega ao Estado, com ações em grandes roubos (Pires, 2018). Na alvorada dos anos 2000, o PCC já havia se capilarizado nos presídios cearenses. Em 2002, ações criminosas realizadas em nove estados brasileiros foram articuladas de dentro do Instituto Penal Paulo Sarasate (IPPS), em Fortaleza, por meio de celulares (Cavalcante, 2019). O maior roubo a banco da história do Brasil, o assalto ao Banco Central de Fortaleza, em 2005, foi consequência dessa articulação do PCC iniciada no sistema prisional. É também neste momento que o PCC desenvolve no Ceará suas rotas de escoamento do tráfico internacional de drogas. O irmão mais novo de Marcola – líder midiático da facção –, Alejandro Juvenal Herbas Camacho Júnior, veio morar no Estado em meados da década de 2000. Quando foi preso, em 2006, em São Paulo, Alejandro Camacho estava com uma perua EcoSport, com placas de Fortaleza, e disse aos policiais que morava na capital cearense e trabalhava revendendo carros. Segundo investigações do governo paulista à época, Camacho mantinha relações com as mesmas quadrilhas colombianas e bolivianas que comercializavam cocaína com Fernandinho Beira-Mar (Camarante, 2006). Após esse evento, Júnior conseguiria mais uma vez fugir da prisão e

voltaria a morar em Fortaleza, estabelecendo-se como empresário do ramo de veículos e morando em uma mansão no bairro Sapiranga, zona sudeste da cidade.

O irmão de Marcola tinha adquirido imóveis luxuosos nas praias do Porto das Dunas, Cumbuco e Lagoinha, três cartões-postais do Estado. Segundo informações da PF, cerca de quarenta policiais militares mantinham sua segurança pessoal. Ele foi o principal articulador do PCC durante os “acordos de paz” entre as facções no final de 2015 no Ceará. Em março de 2016, foi novamente preso, em sua residência na capital cearense, pela Polícia Federal. Segundo a PF, o irmão de Marcola estava comandando um esquema que adquiria grandes montantes de cocaína e maconha da Bolívia e do Paraguai, respectivamente, que entravam no Brasil pelas cidades sul-mato-grossenses de Corumbá e Ponta Porã, e de lá as drogas eram distribuídas, em caminhões, principalmente para as cidades de São Paulo e Fortaleza. Dos aeroportos dessas duas metrópoles e de portos próximos, como Santos (SP) e Pecém (CE), as mercadorias eram escoadas para a Europa (Túlio e Sena, 2016).

Quando Alejandro Camacho Júnior foi preso, outro integrante da cúpula do PCC, Rogério Jeremias de Simone, o “Gegê do Manguê”, que estava foragido da Justiça desde o início de 2017, assumiu a vanguarda das rotas internacionais e também se estabeleceu no Ceará, com o capital simbólico (Bourdieu, 1989) de ser a maior liderança do PCC fora dos presídios. Ele tinha uma casa, em nome de “laranja”, num condomínio residencial em Aquiraz, região metropolitana de Fortaleza, avaliada em dois milhões de reais, carros importados, e levava uma vida nababesca no Estado, se apresentando socialmente como empresário do ramo da construção civil. No entanto, após suspeitas de que ele e seu comparsa, Fabiano Alves de Souza, o “Paca”, estivessem desviando recursos da facção para fins particulares e também em retaliação à morte de Edilson Borges Nogueira, o “Biroasca” – amigo de Marcola –, ambos foram assassinados pelo PCC em um episódio que mimetiza filmes de ação.

Em 15 de fevereiro de 2018, os dois foram resgatados em um helicóptero na cidade de Aquiraz para uma “missão” rumo à Bolívia, mas com apenas alguns minutos de voo, piloto e copiloto pousaram em uma clareira na mata de uma reserva indígena, ainda no município cearense da Grande Fortaleza. Ao descenderem da aeronave, piloto e copiloto anunciaram o motivo da parada repentina e mataram Gegê e Paca com pistolas nove milímetros. Os corpos foram parcialmente queimados e escondidos na vegetação. O evento foi amplamente noticiado pelas mídias brasileira e internacional.

Poucos dias depois, Claudiney Rodrigues de Souza, o “Cláudio Boy”, foragido e procurado pela Interpol, considerado também um dos integrantes da cúpula do PCC, foi preso pela Polícia Federal em Guarulhos (SP), após desembarcar num voo que saía de Fortaleza. Ele estava morando na capital cearense há seis anos e tinha se estabelecido como empresário do setor de serviços, transitando muitas vezes em eventos da *high society* fortalezense (Chefe, 2018). Já em julho de 2018, outro membro gráudo do PCC, foragido da Justiça, Adriano Moreira da Silva, o “Adriano Mombaça”, de 36 anos, que agenciava a rota do comércio internacional de cocaína na fronteira da Bolívia com o Mato Grosso do Sul, foi preso no município do Crato, região sul do Ceará (Melo e Borges, 2018).

Em maio de 2017, na operação “Fênix”, da Polícia Federal, realizada em cinco estados brasileiros (Ceará, Rondônia, Mato Grosso do Sul, Paraíba e Rio de Janeiro) e no Distrito Federal, o “braço-direito” de Fernandinho Beira-Mar, Marcos Marinho dos Santos, o “Chapolin”, foi preso em Fortaleza. Ele estava morando em um apartamento de luxo na avenida Beira-Mar da capital cearense e daqui planejava e controlava a distribuição de armas e drogas em todo o Nordeste e o envio de cocaína para a Europa. Chapolin lavava o dinheiro ilícito através da compra de imóveis no Estado e também possuía duas lojas no centro da cidade (Oliveira, 2017).

Um pouco antes desses episódios, em novembro de 2015, na operação da Polícia Federal “La Muralla”, com apoio da Interpol, sete integrantes da FDN foram presos no Ceará, incluindo Joleardes Celestino Lopes, de 28 anos, o “Giba”, apontado como um dos líderes da facção no Nordeste. Ele foi preso em um flat, na avenida Beira-Mar, o metro quadrado mais caro de Fortaleza. Ele se apresentava no Estado como empresário do setor da construção civil (Paiva, 2015). Giba foi o principal intermediador da FDN nas negociações que levaram aos “acordos de paz” entre as facções do Ceará no segundo semestre de 2015. Em abril de 2017, Vainer de Matos Magalhães, 34 anos, o “Vainer Pepê”, um dos “cabeças” da FDN, foi executado a tiros de fuzil, na Praia do Futuro, zona leste de Fortaleza, quando saía de um condomínio no bairro, em sua Hilux com placas do Pará (Líder, 2017). A FDN então transferiu de Belém para Fortaleza outro de seus líderes, para comandar os negócios da facção no Estado: Petrus William Brandão Freire, de 29 anos, o “Playboy”, que tinha essa alcunha por ostentar riqueza nas redes sociais e ser oriundo de uma família de classe média alta de Belém. Petrus estudava Direito em uma das universidades mais caras de Fortaleza e era dono de uma empresa de aluguel de carros. Foi assassinado em janeiro de 2018 com mais de quarenta tiros quando saía de uma festa na Praia do Futuro.

Em junho de 2017, na BR-116, na altura da cidade cearense de Russas, foi preso um dos líderes do Sindicato do Crime ou Sindicato RN, facção do Rio Grande do Norte, que promoveu em 2016 uma série de ataques públicos nas ruas de Natal e rebeliões nos presídios. Gilson Miranda da Silva, considerado o “braço financeiro” da organização potiguar, era foragido desde 2015 da Justiça do Rio Grande do Norte. Ele fazia uma viagem vindo da fronteira do Paraguai com Foz do Iguaçu, no Paraná, e dirigia em direção à capital cearense, quando foi abordado por agentes da Polícia Rodoviária Federal (Preso, 2017). Em julho do mesmo ano, na praia do Icarai, em Caucaia, cidade da região metropolitana de Fortaleza, foi preso Francisco Magno da Silva, 32 anos, considerado o líder de um dos setores do Sindicato do Crime, facção potiguar. Ele, que tinha vindo ao Ceará com a “missão” de estabelecer a facção no Estado, estava articulando, em diálogo com o CV e a GDE, a entrada da facção no comércio de armas e drogas no Ceará (Borges, 2017). O Sindicato do Crime, assim como a GDE e a Massa, se caracteriza pelo apelo regional na narrativa de seus membros, e surgiu de uma dissidência do PCC no Rio Grande do Norte.

Em junho de 2020, o escocês James White, que era procurado pela Interpol, foi preso por policiais federais em Fortaleza. White é integrante da maior e mais rica organização de tráfico de drogas e armas da Escócia, com ramificações na Europa. Na sua ficha criminal constavam crimes de homicídio, sequestro, lavagem de dinheiro e formação de quadrilha (Melo, 2022).

Todos estes casos de prisões e assassinatos envolvem “peixes graúdos” dessas organizações, que estavam vivendo no Ceará e daqui comandavam os negócios e a operacionalidade de seus grupos criminais. Reportagem de julho de 2016 sublinhava que “o Ceará virou a *offshore* da principal organização criminosa em atividade no Brasil, o PCC” (Ação, 2016). Para justificar o envio de tropas federais ao Estado, o ministro da Justiça Torquato Jardim salientou, em fevereiro de 2018, que “o Ceará é, para o crime organizado, o centro geográfico. Quem conquistar o Ceará conquista o Nordeste” (Centro, 2018). No mês seguinte, o ministro da Segurança Pública, Raul Jungman, anunciou que o Ceará seria a sede do Centro Integrado de Inteligência do Nordeste. O equipamento foi inaugurado ainda naquele ano e reúne todos os órgãos de segurança federais e estaduais cujas ações se voltam para o “combate ao crime organizado”.

Pensando o fenômeno de expansão das facções para estados do Norte e do Nordeste, para se ter uma noção do aumento da quantidade e da diversificação de portos brasileiros utilizados pelos grupos criminosos, entre janeiro de 2009 e dezembro de 2018 (120 meses),

75,5 toneladas de cocaína foram apreendidas em nove portos brasileiros. Já entre janeiro de 2019 e março de 2023 (51 meses) foram mais de 200 toneladas interceptadas em 17 portos nacionais (Ribeiro, 2023). O Brasil surge neste contexto como um dos principais distribuidores dessa droga no mundo, enquanto Bolívia e Peru são países produtores, e a Colômbia atua como produtora e distribuidora, pois utiliza suas saídas marítimas pelo Caribe e, sobretudo, pelo Pacífico.

No que diz respeito propriamente a ser rota estratégica para o tráfico transnacional de drogas, os portos do Pecém e do Mucuri, no Ceará, se destacam devido à localização geográfica, que é mais próxima de mercados consumidores na Europa, na África Ocidental e nos Estados Unidos. De acordo com reportagem de Márcia Feitosa (2023), a partir da interceptação de dois navios que partiram do Ceará e estavam carregados com 6,7 toneladas de cocaína, descobriu-se um conluio entre o PCC e a máfia sérvia para escoar a droga vinda dos países andinos pelos portos cearenses. Em novembro de 2023, a Receita Federal, em ação conjunta com a Polícia Federal, apreendeu no Porto do Pecém, na Região Metropolitana de Fortaleza, 600 kg de cocaína que estavam ocultos em uma carga de quiosques de fibra para exportação. A carga, avaliada em mais de R\$ 1 bilhão, tinha como destino a cidade de Sydney, na Austrália (Ribeiro, 2024). Em 2022, uma carga com 1,2 tonelada de cocaína foi achada camuflada embaixo de toneladas de gelo no porão de uma embarcação pesqueira que havia saído do Porto do Mucuri, em Fortaleza (Mais, 2022). Em 2025, no porto do Pecém foram encontrados 133,5 kg de cocaína escondidos num contêiner com polpa de manga congelada com destino a Portugal (Ribeiro, 2025). Em 2019, a PF apreendeu no porto do Pecém 330 kg, escondidos em uma carga de mel, em um contêiner que saíria rumo à Bélgica (*ibid.*). Nos últimos anos, os casos são muitos.

Embora o modal portuário seja o mais utilizado por estas organizações para o escoamento de centenas de quilos ou toneladas de drogas, o aeroporto de Fortaleza também registra tráfico internacional, sobretudo para Europa e Estados Unidos (Borges, 2021). Este escoamento se dá, em parte, através do trabalho das “mulas”, pessoas que transportam pequenas quantidades em quilos escondidas nos corpos ou nas bagagens. Contudo, em agosto de 2021, um avião particular de procedência turca foi interceptado pela Polícia Federal na pista do aeroporto da capital cearense com 1,3 tonelada de cocaína distribuída em 24 malas pertencentes a um passageiro espanhol. O destino da aeronave era Bruxelas, na Bélgica (Melo, 2022). Vale sublinhar que, conforme reportagem de Igor Pires (2025), o aeroporto de Fortaleza é o quarto principal aeroporto exportador do Brasil, atrás apenas de Guarulhos (SP), Campinas (SP) e Galeão (RJ).

Os dados de apreensão de drogas no Ceará indicam um franco aumento ano após ano na última década. De centenas de quilos de cocaína interceptadas entre os anos de 2015 e 2018, chegando à casa da tonelada em 2019, para atingir assustadoras 10 toneladas de drogas apreendidas no ano de 2024 (Ceará, 2025). A Polícia Federal já reconheceu que o Ceará é atualmente um ponto nodal de conexão do tráfico internacional de drogas (Melo, 2022) e o Atlas da Violência 2019 incluiu definitivamente o Estado como rota do narcotráfico transnacional de cocaína (IPEA e FBSP, 2019).

## Considerações finais

Diante do abordado neste trabalho, não há a menor dúvida de que o Ceará é hoje um dos epicentros do fenômeno faccional no Brasil dada sua importância estratégica para o tráfico internacional de drogas. Como supracitado, o aeroporto de Fortaleza é o quarto principal aeroporto exportador do Brasil, atrás apenas de Guarulhos e Campinas, em São Paulo, e do Galeão, no Rio de Janeiro; e o porto do Pecém consolida-se cada vez mais como

um dos maiores do Norte-Nordeste, em franca parceria com o porto de Roterdã, na Holanda, o maior da Europa. Estas duas infraestruturas – portuária e aeroportuária – são fundamentalmente relevantes quando se pensa a posição estratégica do Ceará no comércio internacional de drogas.

Entretanto, para além de escoar toneladas de drogas pelos portos e aeroportos cearenses, a dinâmica faccional no Ceará estabeleceu-se de maneira decisiva na última década com o objetivo de controlar cada vez mais territórios periféricos em todo o Estado e expandir-se de um modo que suas formas de atuação transbordaram para além das periferias dos grandes centros urbanos cearenses. Analisando este último decênio é possível elencar mudanças significativas nas formas de operação das atividades delitivas no Estado (Pires, 2025):

- i. a ampliação de formas de comunicação virtual, principalmente por meio de grupos de aplicativos de mensagens;
- ii. articulações e comunicações interestaduais, que possibilitaram maiores trocas de informações, mercadorias, métodos e tecnologias;
- iii. deslocamentos interestaduais, uma vez que um integrante do CV, por exemplo, que mora numa cidade do interior cearense pode perfeitamente passar uma temporada em um território do Comando Vermelho no Rio de Janeiro, ou um membro do CV fluminense pode vir a Fortaleza passar um período em uma comunidade da capital cearense, e até mesmo em cidades do interior, como pude confirmar em dados de campo;
- iv. o acesso a armas mais caras e potentes, como metralhadores, fuzis, pistolas “de elite”, etc.;
- v. o acesso mais recorrente às fronteiras transnacionais, o que possibilitou o contato com novos fornecedores;
- vi. novos fornecedores possibilitaram o acesso a variados e amiúde mais potentes tipos de maconha e cocaína, modificando de maneira substancial o tráfico varejista nas periferias cearenses;
- vii. a implementação de um novo “ethos do trabalho”, com nova divisão de funções, que permitiu o surgimento de cargos como tesoureiro, contador, gerente, etc., dando aparição a uma espécie de *profissionalismo criminal periférico*;
- viii. a interiorização de sua atuação, com o modelo faccional chegando a médias e pequenas cidades do interior cearense, inclusive nas áreas rurais destes municípios, transformando a paisagem sociocultural destes lugares;
- ix. a ortodoxia na aplicação do código moral do “crime”;
- x. a diversificação das formas de obtenção de recursos para além dos tráficos de armas e drogas e dos roubos e assaltos. Neste campo, as facções enveredam de maneira decisiva para práticas extorsionárias contra as populações subjugadas, sobretudo comércios, e também avançaram rumo a uma monopolização de serviços os mais diversos, como a venda exclusiva e compulsória de água, de gás, de bebidas, de planos de internet, de televisão a cabo clandestina, entre outros. Ademais, as facções no Ceará, visando à expansão das suas atividades, ampliaram de maneira considerável a sua imersão na seara dos negócios, abrindo companhias e firmas nos mais distintos ramos do mundo empresarial.

Em suma, o contexto das facções no Ceará demonstra, no momento, forte tendência expansionista. As estratégias das políticas de segurança pública ainda patinam em discursos inflamados de “combate ao crime organizado”, mas na prática mostram ineficiência para lidar com a complexa situação (Paiva e Pires, 2023). A verdade inescapável é que as facções encontraram condições objetivas ideais para sua expansão em terras cearenses, tanto do ponto de vista da incapacidade estatal para conter os seus avanços – devido, muitas vezes, à própria participação do Estado em tratativas com estes grupos –, bem como da perspectiva de terem deparado com uma enorme massa de jovens periféricos marginalizados pela ordem

hegemônica que viram no modelo faccional uma possibilidade de reconhecimento moral e simbólico (Honnet, 2009 [1992]) e de manejar poder em condições de subalternidade.

## Referências

- A AÇÃO política do PCC. *Isto É*. São Paulo, 15 jul. 2016. Disponível em: <<https://istoe.com.br/acao-politica-do-pcc/>>. Acesso em: 27 jul. 2025.
- ABREU, Allan de. *Cocaína: a rota caipira*. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2017.
- ADORNO, Sérgio. Conflitualidade e violência: reflexões sobre a anomia na contemporaneidade. *Tempo Social: Revista Sociologia USP*, São Paulo, v.10, n.1, p. 19-47, 1998.
- ADORNO, Sérgio. Exclusão socioeconômica e violência urbana. *Sociologias*, n.8, p. 84-135, 2002.
- AQUINO, Jânia Perla de. *Príncipes e castelos de areia: performance e liminaridade no universo dos grandes roubos*. 2009. Tese (Doutorado em Antropologia e Sociologia) –Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), PPGAS, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.
- BARBOSA, Antonio Rafael. Um abraço para todos os amigos: algumas considerações sobre o tráfico de drogas no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: EDUFF, 1998.
- BARBOSA, Antonio Rafael. As armas do crime: reflexões sobre o tráfico de drogas no Rio de Janeiro. *Civitas*, Porto Alegre, v.1, n.2, p. 165-180, 2001.
- BARBOSA, Antonio Rafael. Les études sur la violence et la criminalité au Brésil et les processus de “pacification” dans deux métropoles brésiliennes. In: AGIER, Michel; FRÚGOLI JR., Heitor (orgs.). *Brésil(s): sciences humaines et sociales – Dossier: ce que l’anthropologie doit au Brésil: terrains et théories*. Paris, v. 9, n.p., 2016.
- BARREIRA, César. Crueldade: a face inesperada da violência. *Sociedade e Estado*, v. 30, n.1, p. 55-74, 2015.
- BIONDI, Karina. *Junto e misturado: uma etnografia do PCC*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2010.
- BIONDI, Karina. *Proibido roubar na quebrada: território, hierarquia e lei no PCC*. São Paulo: Editora Terceiro Nome/Gramma, 2018.
- BORGES, Messias. Líder do Sindicato do Crime é preso na Praia do Icarai. *Diário do Nordeste*. Fortaleza, 12 jul. 2017. Disponível em: <<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/policia/lider-do-sindicato-do-crime-e-presos-na-praia-do-icarai-1.1786385>>. Acesso em: 27 jul. 2025.
- BORGES, Messias. Drogas vindas de Fortaleza e apreendidas em Lisboa são avaliadas em mais de R\$ 10 milhões. *Diário do Nordeste*. Fortaleza, 12 jul. 2021. Disponível em: <<https://www.opovo.com.br/noticias/ceara/2021/07/12/drogas-vindas-de-fortaleza-e-apreendidas-em-lisboa-sao-avaliadas-em-mais-de-r-10-milhoes.html>>. Acesso em: 15 out. 2025.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Trad. Fernando Tomaz. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BRICEÑO-LEÓN, Roberto; CAMARDIEL, Alberto. *Delito organizado: mercados ilegales y democracia en Venezuela*. Caracas: Alfa, 2015.

BRICEÑO-LEÓN, Roberto; BARREIRA, César; AQUINO, Jania Perla Diógenes de. 'Facções' de Fortaleza y colectivos de Caracas: Dos modelos de governanza criminal. *Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*, volume 15, edição especial n. 4, p. 21-49, 2022.

CAMARANTE, André. Polícia prende Júnior, irmão do líder do PCC. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 28 abr. 2006. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2804200620.htm>>. Acesso em: 27 jul. 2025.

CANDOTTI, Fabio; MELO DA CUNHA, Flávia.; SIQUEIRA, Ítalo. "A grande narrativa do Norte: considerações na fronteira entre crime e Estado". In: MALLART, F.; GODOI, R. *BR 111: a rota das prisões brasileiras*. São Paulo: Veneta, 2017.

CAVALCANTE, Igor. Conheça as origens das facções criminosas no Ceará, um ano após morte de Gegê e Paca. *O Povo*. Fortaleza, 15 fev. 2019. Disponível em: <<https://www.opovo.com.br/noticias/ceara/2019/02/33510-conheca-as-origens-das-faccoes-criminosas-no-ceara-um-ano-apos-morte-de-gege-e-paca.html>>. Acesso em: 15 out. 2025.

CEARÁ encerra o ano de 2024 com mais de 10,6 toneladas de entorpecentes apreendidas pelas Forças de Segurança estaduais. *Portal do Governo do Estado do Ceará*. Fortaleza, 15 jan. 2025. Disponível em: <<https://www.ceara.gov.br/2025/01/15/ceara-encerra-o-ano-de-2024-com-mais-de-106-toneladas-de-entorpecentes-apreendidas-pelas-forcas-de-seguranca-estaduais/>>. Acesso em: 15 out. 2025.

CENTRO geográfico: "Quem conquistar o Ceará conquista o Nordeste. *O Povo*. Fortaleza, 19 fev. 2018. Disponível em: <<https://www.opovo.com.br/noticias/fortaleza/2018/02/quem-conquistar-o-ceara-conquista-o-nordeste-diz-ministro-da-justica.html>>. Acesso em: 27 jul. 2025.

CHEFE do PCC que estava em Fortaleza é preso pela Polícia Federal ao desembarcar em São Paulo. *O Povo*. Fortaleza, 20 fev. 2018. Disponível em: <<https://www.opovo.com.br/noticias/fortaleza/2018/02/lideranca-do-pcc-que-estava-em-fortaleza-e-presa-no-aeroporto-de-sp.html>>. Acesso em: 27 jul. 2025.

DAUDELIN, Jean; RATTON, José Luiz. Mercados de drogas, guerra e paz no Recife. *Tempo Social*, São Paulo, Brasil, v. 29, n. 2, p. 115–133, 2017.

DIAS, Camila Nunes. *Da pulverização ao monopólio da violência: expansão e consolidação do Primeiro Comando da Capital (PCC) no sistema carcerário paulista*. 2011. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), PPGS, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

DUARTE, Bárbara Sofia; ALVES, Paula Gonçalves; FIGUEIREDO, Ana. Pistas de Pousos Clandestinas: interconexões entre tráfico de drogas transnacional e agronegócio em Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. In: *Anais do VII Seminário Internacional Violência e Conflitos Sociais: Relações de Poder e Segurança Pública*. Fortaleza, [s.n.], p. 195-203, 2024.

FEITOSA, Márcia. Crime organizado: um problema nacional que aflige o Ceará. *Diário do Nordeste*. Fortaleza, 17 jan. 2018. Disponível em:

<<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/policia/crime-organizado-um-problema-nacional-que-aflige-o-ceara-1.1878935>>. Acesso em: 23 jul. 2025.

FELTRAN, Gabriel de Santis. Crime e castigo na cidade: os repertórios da justiça e a questão do homicídio nas periferias de São Paulo. *Caderno CRH*, Salvador, vol.23, n.58, p.59-73, 2010a.

FELTRAN, Gabriel de Santis. Periferias, direito e diferença: notas de uma etnografia urbana. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 53, n. 2, 2010b.

FELTRAN, Gabriel de Santis. *Irmãos: uma história do PCC*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

FONSECA, Claudia. O anonimato e o texto antropológico: dilemas éticos e políticos da etnografia “em casa”. In: SCHUCH, Patrice; VIEIRA, Miriam Steffen; PETERS, Roberta. *Experiências, dilemas e desafios do fazer etnográfico contemporâneo*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010.

FREITAS, Geovani Jacó de. *Ecos da violência*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

GRILLO, Carolina. *Coisas da Vida no Crime: Tráfico e roubo em favelas cariocas*. 2013. Tese (Doutorado em Sociologia e Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCC), PPGSA, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

GRILLO, Carolina. Da violência urbana à guerra: repensando a sociabilidade violenta. *Dilemas – Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*, v. 12, n. 1, p. 62-92, 2019.

HIRATA, Daniel. *Sobreviver na adversidade: entre o mercado e a vida*. 2010. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, PPGS, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

HIRATA, Daniel Veloso; GRILLO, Carolina Christoph. Sintonia e amizade entre patrões e donos de morro: perspectivas comparativas entre o comércio varejista de drogas em São Paulo e no Rio de Janeiro. *Tempo social*, v. 29, n. 2, p. 75-98, 2017.

HIRATA, D. V.; GRILLO, C. C. Crime, guerra e paz: dissenso político-cognitivo em tempos de extermínio. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, v. 38, n. 3, p. 553-571, 2019.

HIRATA, D. V.; GRILLO, C. C.; TELLES, V. da S. Guerra urbana e expansão de mercados no Rio de Janeiro. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 38, p. e3811003, 2023.

HONNET, Axel. *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*. Trad. Luiz Repa. São Paulo: Editora 34, 2009 [1992].

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA; FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. *Atlas da Violência 2019*. Brasília; Rio de Janeiro; São Paulo: IPEA; Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2019.

LÍDER da FDN morto com tiros de fuzil. *Diário do Nordeste*. Fortaleza, 21 abr. 2017. Disponível em: <<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/policia/lider-da-fnd-morto-com-tiros-de-fuzil-1.1741536>>. Acesso em: 27 jul. 2025.

LOURENÇO, Luiz Claudio; ALMEIDA, Odilza Lines de. “Quem mantém a ordem, quem cria desordem”: gangues prisionais na Bahia. *Tempo Social*, v. 25, n. 1, p. 37-59, 2013.

MACHADO DA SILVA, Luiz Antonio. Sociabilidade violenta: por uma interpretação da criminalidade contemporânea no Brasil urbano. *Sociedade e Estado*, Brasília, v.19, n.1, p. 53-84, 2004.

MACHADO DA SILVA, Luiz Antonio (org.). *Vida sob cerco: violência e rotina nas favelas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Faperj/Nova Fronteira, p. 47-76, 2008.

MAIS de uma tonelada de cocaína é encontrada sob gelo em embarcação pesqueira no Ceará. *Diário do Nordeste*. Fortaleza, 20 ago. 2022. Disponível em: <<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/seguranca/mais-de-uma-tonelada-de-cocaína-e-encontrada-em-carga-de-embarcação-pesqueira-no-ceara-1.3269509>>. Acesso em: 15 out. 2025.

MANSO, Bruno Paes.; DIAS, Camila Nunes. *A guerra: A ascensão do PCC e o mundo do crime*. São Paulo: Todavia, 2018.

MARQUES, Adalton. “Faxina’ e ‘pilotagem’: dispositivos (de guerra) políticos no seio da administração prisional”. *Lugar comum: estudos de mídia, cultura e democracia*. Rio de Janeiro: Universidade Nômade, v. 25-26, p. 283-290, 2008.

MARQUES, Adalton. “Liderança”, “proceder” e “igualdade”: uma etnografia das relações políticas no Primeiro Comando da Capital. *Etnográfica*, Lisboa, vol. 14, n.2, p. 311-335, 2010.

MATOS JÚNIOR, Clodomir Cordeiro de; SANTIAGO, João Pedro. Facções, controles e gestão das periferias: mobilidades e direito à moradia em Fortaleza, Ceará, Brasil. *Revista de Ciências Sociais: RCS*, Fortaleza, v. 53, n. 3, p. 27-55, 2022.

MATOS JÚNIOR, Clodomir Cordeiro de; NETO, João Pedro de Santiago; PIRES, Artur de Freitas. Mercados ilegais e dinâmicas criminais: notas sobre as transformações do tráfico de drogas nas periferias de Fortaleza, Ceará. *Revista Tomo*, Aracaju, n. 40, p. 39-62, 2022.

MELO, Emanoela Campelo de. Ceará bate recorde em apreensão de drogas e PF aponta estado como ponto de conexão do tráfico. *Diário do Nordeste*. 2 jan. 2022. Disponível em: <<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/seguranca/ceara-bate-recorde-em-apreensão-de-drogas-e-pf-aponta-estado-como-ponto-de-conexão-do-tráfico-1.3176006>>. Acesso em: 15 out. 2025.

MELO, Emanoela Campelo de; BORGES, Messias. Traficante do PCC na fronteira do País é preso no CE. *Diário do Nordeste*. Crato, 21 jul. 2018. Disponível em: <<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/polícia/traficante-do-pcc-na-fronteira-do-pais-e-preso-no-ce-1.1973175>>. Acesso em: 27 jul. 2025.

MELO, J. G.; AMARANTE, N. F. do. O massacre de Alcaçuz, o fortalecimento e a disputa de territórios por coletivos criminosos em Natal, RN. *O Público e o Privado*, Fortaleza, v. 17, n. 33, p. 19-40, 2019.

MELO, J.; PAIVA, L. F. S. Violências em territórios faccionados do Nordeste do Brasil: notas sobre as situações do Rio Grande do Norte e do Ceará. *Revista USP*, São Paulo, n. 129, p. 47-62, 2021.

MOTA, Paulo. Polícia prende no CE acusado de liderar tráfico no Rio. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 6 mar. 1996. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/3/06/cotidiano/3.html>>. Acesso em: 23 jul. 2025.

OLIVEIRA, Sara. Braço-direito de Fernandinho Beira-Mar tem casa e negócios no Ceará. *O Povo*. Fortaleza, 25 mai. 2017. Disponível em: <<https://www.opovo.com.br/jornal/cotidiano/2017/05/braco-direito-de-fernandinho-beira-mar-tem-casa-e-negocios-no-ceara.html>>. Acesso em: 27 jul. 2025.

PAIVA, Luiz Fábio. “Aqui não tem gangue, tem facção”: as transformações sociais do crime em Fortaleza, Brasil. *Caderno CRH*, Salvador, v. 32, n. 85, p. 165-184, 2019a.

PAIVA, Luiz Fábio. As dinâmicas do mercado ilegal de cocaína na tríplice fronteira entre Brasil, Peru e Colômbia. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 34, n. 99, 2019b.

PAIVA, Luz Fábio. O domínio das facções nas periferias de Fortaleza-CE. *Revista Tomo*, Aracaju, n. 40, p. 87-122, 2022.

PAIVA, L. F. S.; PIRES, A. Quem manda no Ceará? Sobre o enfrentamento às facções criminosas em um estado do Nordeste do Brasil. *Espacio abierto: cuaderno venezolano de sociologia*. Caracas, v. 32, n. 2, p. 97-121, 2023.

PAIVA, Luiz Fábio; MORAES, Suiany; PINHEIRO, Valéria. Os efeitos sociais do crime na dinâmica de Fortaleza, Ceará, Brasil. *Cadernos Metrópole*, São Paulo, v. 26, n. 61, e6164807, 2024.

PAIVA, Thiago. Operação da Polícia Federal em cinco países prende sete no Ceará. *O Povo*. Fortaleza, 21 nov. 2015. Disponível em: <<https://www20.opovo.com.br/app/opovo/cotidiano/2015/11/21/noticiasjornalcotidiano,3537574/operacao-da-policia-federal-em-cinco-paises-prende-sete-no-ceara.shtml>>. Acesso em: 27 jul. 2025.

PIRES, Artur. “A vida no crime é louca”: as relações criminais em um complexo de favelas. 2018. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS), Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

PIRES, Artur. Violência, afetos e luta por reconhecimento na criminalizada pauperizada. *Plural*. São Paulo, v. 30, p. 108-126, 2023.

PIRES, Artur. *A Era das Facções no Ceará (2015-2025): interdependência criminal e efeitos sociais da violência*. 2025. Tese (Doutorado) – Departamento de Ciências Sociais, Programa de Pós-graduação em Sociologia (PPGS), Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2025.

PIRES, Igor. Fortaleza cresce 22% em cargas e mantém liderança como maior exportador do Norte-Nordeste. *Diário do Nordeste*. Fortaleza, 25 jul. 2025. Disponível em: <<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/opiniao/colunistas/igor-pires/fortaleza-cresce-22-em-cargas-e-mantem-lideranca-como-maior-exportador-do-norte-nordeste-1.3673584>>. Acesso em: 27 jul. 2025.

PLANO de Uê para matar Beira-Mar pode ter sido a causa do motim em Bangu. *Estado de São Paulo*. São Paulo, 12 set. 2002. Disponível em: <<https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,plano-de-ue-para-matar-beira-mar-pode-ter-sido-a-cao-do-motim-em-bangu,20020912p19724>>. Acesso em: 23 jul. 2025.

PRESO no Ceará líder de quadrilha que custeou ataques no RN. *O Povo*. Fortaleza, 4 jun. 2017. Disponível em: <<https://www.opovo.com.br/noticias/ceara/russas/2017/06/preso-no-ceara-lider-de-quadrilha-que-custeou-ataques-no-rn.html>>. Acesso em: 27 jul. 2025.

RIBEIRO, Cláudio. Nunca houve tanta cocaína apreendida em portos brasileiros. *O Povo*. Fortaleza, 15 jul. 2023. Disponível em: <<https://mais.opovo.com.br/reportagens-especiais/portos-drogas-trafico/2023/07/15/nunca-houve-tanta-cocaína-apreendida-em-portos-brasileiros.html>>. Acesso em: 24 set. 2025.

RIBEIRO, Cláudio. PF e Receita apreendem o equivalente a R\$ 1 bilhão em cocaína no Porto do Pecém. *O Povo*. Fortaleza, 7 mar. 2024. Disponível em: <<https://www.opovo.com.br/noticias/ceara/2024/03/07/pf-apreende-o-equivalente-a-rs-1-bilhao-em-cocaína-no-porto-do-pecem.html>>. Acesso em: 15 out. 2025.

RIBEIRO, Cláudio. Como age a quadrilha que despacha cocaína pelo Pecém há 6 anos. *O Povo*. Fortaleza, 21 jul. 2025. Disponível em: <<https://mais.opovo.com.br/reportagens-especiais/portos-drogas-trafico/2025/07/21/como-age-a-quadrilha-que-despacha-cocaína-pelo-pecem-ha-6-anos.html>>. Acesso em: 15 out. 2025.

RODRIGUES, F. de J. “Corro com o PCC”, “Corro com o CV”, “Sou do crime”: facções, sistema socioeducativo e os governos do ilícito em Alagoas. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 35, n. 103, p. 1-21, 2020.

SÁ, Leonardo. *Guerra, mundo e consideração: uma etnografia das relações sociais dos jovens no Serviluz*. 2010. Tese (Doutorado em Sociologia) – Departamento de Ciências Sociais, PPGS, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

SÁ, Leonardo; AQUINO, Jânia. *A "guerra das facções" no Ceará (2013-2018): socialidade armada e disposição viril para matar ou morrer*. 42º Encontro Anual da Anpocs, Caxambu (MG), 2018.

SAVIANO, Roberto. *Zero, zero, zero*. Trad. Federico Carotti *et al.* São Paulo: Companhia das Letras, 2014 [2013].

SIQUEIRA, I. B. L.; PAIVA, L. F. S. “No Norte, tem Comando”: as maneiras de fazer o crime, a guerra e o domínio das prisões do Amazonas. *Revista Brasileira de Sociologia*, São Paulo, v. 7, n. 17, p. 125-154, 2019.

SIQUEIRA, Ítalo Barbosa Lima; NASCIMENTO, Francisco Elionardo de Melo; MORAES, Suiany Silva de. Dinâmicas inter-regionais de mercados e governança criminal em perspectiva comparada entre Fortaleza e Manaus. *Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*, v. 15, edição especial n. 4, p. 441-468, 2022.

SSPDS – Secretaria de Segurança Pública e Defesa Social do Ceará. *Crimes Violentos Letais e Intencionais – CVLI*. Fortaleza: SSPDS, 2025.

TÚLIO, Demitri; SENA, João Marcelo. PF prende irmão de Marcola em Fortaleza. *O Povo*. Fortaleza, 30 mar. de 2016. Disponível em: <<https://www20.opovo.com.br/app/opovo/cotidiano/2016/03/30/noticiasjornalcotidiano,3595595/pf-prende-irmao-de-marcola-em-fortaleza.shtml>>. Acesso em: 27 jul. 2025.

ZALUAR, Alba. *A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994 [1985].